

Rok Sônia Naiária de Oliveira

*Mestranda do em História da Universidade Estadual do
Ceará*

*Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP)*

**Curso de História da Universidade Estadual
Vale do Acaraú – UVA**

*A PERSPECTIVA DA CULTURA MATERIAL NOS
ESTUDOS DA INDUMENTÁRIA*

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a indumentária dentro das perspectivas abordadas pela história da cultura material. Deste modo, evidenciamos como a maneira de trajar está diretamente relacionada ao cotidiano dos sujeitos, tendo em mente a forte relação existente entre as pessoas e os objetos, que evidenciam experiências, vivências, resgatam memórias e expressam identidades.

Palavras-chave: História. Indumentária. Cultura material

Abstract

This article aims to analyze the clothes inside the perspectives addressed by the history of material culture. Thus, as evidenced way to wear is directly related to the daily life of individuals, bearing in mind the strong relationship between people and objects that show experiences, experiences, memories and express identities rescue.

Palavras-chave: History. Outfit. Material culture

Considerações Iniciais

As ideias apresentadas neste artigo surgiram a partir das discussões realizadas na disciplina “Cidade e práticas sociais urbanas”, ministrada no Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará. No decorrer dos estudos, abordamos de maneira especial às análises a respeito da cultura material, onde podemos perceber como a importância atribuída aos objetos e suas distintas maneiras de uso foram aos poucos transformando as sociedades, suas práticas e costumes. Durante a disciplina pudemos, portanto, conhecer um pouco mais das abordagens, conceitos e das pesquisas que estão sendo realizadas a partir de uma análise cultural da materialidade.

Para tanto uma das obras norteadoras dessas discussões foi a leitura de “Civilização Material”, o primeiro dos clássicos “As estruturas do cotidiano” de Braudel(1997), onde discutimos a civilização material e a civilização econômica entre os séculos XV e XVIII. Braudel faz uma reflexão a certa da história global sendo esta ancorada pelos eventos, onde o autor busca abordar as especificidades dessa história, não tratando o todo de forma homogênea. Para chegar ao global, o autor se debruça no cotidiano, já que todos os capítulos desta obra falam, pois de objetos do cotidiano. De acordo com o autor “A cotidianidade são os fatos miúdos que quase não deixam marcas no tempo e no espaço” (p.17). Assim Braudel(1997), aborda elementos que nem sempre são percebidos na sua devida importância, mostrando também que as explicações muitas vezes são determinadas por fatores internos e não econômicos. Os números, através dos recuos e avanços demográficos, os alimentos e bebidas, o vestuário, o luxo, a moda, o supérfluo, os utensílios domésticos e mobiliários, os armamentos, os instrumentos monetários, as novas fontes de energia e técnicas metalúrgicas, os transportes, as transformações das cidades, no interior e no exterior das casas. Para o autor “vida material são homens e coisas, coisas e homens” (p.19).

Com o intuito de adentrar, mesmo que de maneira superficial, nas abordagens dessa área de pesquisa, buscamos relacionar as reflexões da cultura material com a pesquisa que desenvolvemos a respeito das vestimentas de mulheres assembleianas que tem por título: “O militar de Cristo todo mundo conhece pelo uniforme: A indumentária e os sinais diacríticos da neo-convertida assembleiana, Milhã-CE (1990-2011)”. Uma pesquisa que visa analisar a indumentária destas mulheres como um símbolo de distinção e afirmação de identidades. Para este artigo pretendemos abordar a vestimenta como um aspecto da cultura material que está imbuído de relações sociais, influenciando e sendo refletida no cotidiano das pessoas, tendo a função de significante e ao mesmo tempo de significado, isso porque

mesmo diante da existência de um padrão indumentário que uma determinada sociedade possa impor, as pessoas estão envolvidas numa série extensa e complexa de processos criativos através de suas roupas.

A cultura material e suas contribuições para uma análise das vestimentas.

Segundo Roche (2007), “O primeiro interesse histórico pelo vestuário remonta aos séculos XVII e XVIII” (p.38) No entanto, foi só no decorrer do século XX que a historiografia gradativamente foi reconhecendo à importância dos estudos da indumentária, intimamente ligada a história dos costumes. Nesse sentido, um dos principais objetivos do autor é contribuir para as análises da história cultural, dando peso aos fatores importantes da civilização material.

Destacar a vestimenta como objeto de estudos partindo de uma perspectiva da cultura material é pensa-la como um objeto de múltiplas facetas, diretamente relacionado às experiências do homem em diferentes espaços e temporalidades. Para Roche (2007), as roupas são arquivos culturais privilegiados, capazes de fazer perceber os meandros da sociabilidade, proporcionando ainda um sentimento de pertencimento social. Para o autor, as roupas enquanto objetos de análise proporcionam uma leitura da sociedade. “A roupa, signo de adesão, de solidariedade, de hierarquia, de exclusão, é um dos códigos de leitura social. Mas ela também baliza o percurso da utilidade e da inutilidade, do valor mercantil e do valor de uso”. (P.47). Deste modo, a maneira de trajar traz consigo significados culturais, sociais, políticos e econômicos, identificando uma época e os conflitos nela existentes. Ainda nesse sentido destacamos as prerrogativas de Andrade (2006), para ela,

As roupas têm sua biografia, uma vida social, cultural, política e mantêm relações com outros objetos e com pessoas. Ao se relacionar com coisas e pessoas, as roupas produzem e ganham novas existências que são partilhadas especialmente através de experiências humanas. (p. 01)

Portanto são as experiências humanas que empreendem diferentes significados e funcionalidades aos objetos, e com a indumentária isso não é diferente. Ao optarmos por uma determinada vestimenta em detrimento de outras, empreendemos um processo seletivo e criativo que se torna visível na sociedade através da aparência. Nesse sentido, é através da relação entre coisas e indivíduos que se formam as bases dos estudos em cultura material. Contudo, é importante percebermos em que sentido essa materialidade é construída. A respeito disso Andrade (2006) citando Meneses (1992) afirma que,

Por materialidade entendemos um conjunto de elementos físicos que indiciam uma problemática histórica, a vida social e cultural de uma pessoa e sua sociedade ecoadas por seus objetos. Os objetos nos ajudam a entender como se processam as relações sociais, a vida, o cotidiano. (Meneses, 1992: 8).

Portanto, estudar a materialidade é perceber a importância dos elementos físicos e seus significados no cotidiano das pessoas. Sobre isso Julian (2003) destaca que “A ideia de que as coisas materiais são entidades que nós podemos estar à parte, e empregá-las como evidência para as ações das pessoas no passado, se não é algo exclusivamente moderno, pelo menos é algo de uma sensibilidade moderna”. (p. 01). Vale destacar que segundo Le Goff (2005), não há a definição de um termo para a cultura material, e sim de um campo de pesquisa. Também para o autor, os estudos da cultura material se desenvolveram a partir da ênfase nos estudos da vida cotidiana. De acordo com Le Goff (2005),

Sem querer propor uma definição que se pretenda decisiva e universal, podemos observar o que supõe a materialidade associada à cultura. A cultura material tem uma relação evidente com as injunções materiais que pesam sobre a vida do homem e às quais o homem opõe uma resposta que é precisamente a cultura (p.241).

Portanto, podemos pensar na cultura material não apenas como o estudo de objetos que permeiam o cotidiano dos indivíduos, mas também como a ação e reação dos indivíduos sobre estes objetos. O homem é um ser inventivo, cria e reconfigura constantemente os objetos a sua volta, lhes atribui novos e diferentes significados, os transforma de acordo com sua cultura. Para pensarmos esse assunto evocamos as considerações de Glessie (1999), para quem “a cultura material é o nome convencional para o rendimento tangível da conduta humana”. Segundo o autor o estudo da cultura material usa objetos para aproximar os pensamentos da ação. Através dos objetos se busca compreender os modos de vida de um determinado povo, suas manifestações culturais, as necessidades da época, as relações sociais existentes. De acordo com Glessie (1999) “A mente literal pode saber a história de uma próspera, minoria culta. A história da maioria das pessoas é presente em artefatos não registrados na escrita, e escapa do que é ouvido”. Desta feita, Glessie estuda a cultura material a partir do ponto de vista de um processo artístico, que envolve criação, associação, e comunicação. Para ele

O estudo da cultura material é, em termos acadêmicos, um movimento transdisciplinar, projetado para expandir e integrar o estudo da arte. Usa-

se técnicas históricas e etnográficas para compreender a arte como uma parte comum da experiência humana. Adiciona-se a ideia antropológica de cultura à história da arte a fim de fazer a arte uma parte da história geral. Adiciona-se a arte das pessoas à história geral para fazê-la mais democrática. Recolhe-se evidência arqueológica, geográfica, histórica e etnográfica para localizar a arte no mundo (p. 16)

Mais a adiante o autor enfatiza que em termos práticos “o estudo da cultura material é o estudo da criatividade no contexto”. (P. 16) Nesse sentido, Glessie (1999) atribui ao uso um processo criativo. Para ele o uso se encontra na intersecção da criação e do consumo. O uso é o que diferencia os objetos, é o que lhes atribui características próprias. Isso porque o mesmo objeto pode ser utilizado de maneiras diferentes, assumindo distintos significados a partir das pessoas que o utilizam e dos contextos ao qual se inserem. Se um objeto é levado de um contexto a outro, seu uso pode ser transformado.

Não é a comida comprada, mas a comida processada e feita numa refeição- não é a camisa comprada na pechincha, mas a camisa como um componente em uma composição de roupas que informam sobre você. Refeições inteiras, jogos de roupas em ação (amacia arquitetura dos ambientes que estão perto de nós), e coleções dos produtos montados em ajustes domésticos- estas são as chaves das criações da cultura material da civilização industrial. São nossos espelhos; nós nos vemos neles. São nossas lentes; os outros nos lêem através deles. (p. 23).

Mesmo que a funcionalidade permaneça a mesma, os significados que os indivíduos atribuem aos objetos são diferentes. E aí podemos destacar o estudo da indumentária. No que se refere à vestimenta Stallybrass (2000) destaca que na Inglaterra Moderna pensar sobre as roupas era pensar também a respeito da memória, “mas também sobre poder e posse.” (p.18). Para ele, a Inglaterra da renascença era uma sociedade que atribuía excessiva importância ao vestuário, sendo este definidor de posições sociais. Segundo o autor esta era uma sociedade da Roupas, “Em sua forma mais extrema, trata-se de uma sociedade na qual os valores e também a troca assumem a forma de roupas” (p. 17).

Acreditamos, pois, que as roupas são artefatos carregados de inúmeros significados, através delas podemos identificar um indivíduo e o grupo ao qual ele pertence, enfim o contexto ao qual está inserido. Sendo que, é através das distintas realidades, temporalidades, e culturas que as roupas vão adquirindo sua significância, refletindo tanto nossas escolhas pessoais como coletivas. Assim, quando nos vestimos de determinada maneira não atribuímos a isto apenas gostos individuais, somos levados por nossas ideologias, influências, e pelas normas que regem nossa sociedade. (OLIVEIRA, 2011). As

roupas pertencem a uma identidade visível, como salienta Glessie, as roupas informam. E fazem parte também de um processo e criação, manutenção e resgate de memórias.

Para Stallybras (2000), nas sociedades das roupas, estas assumem aspectos que ultrapassam suas materialidades, pois podem ser transformadas pelo fabricante e pelo usuário, e de outro lado duram no tempo, funcionando como um mecanismo de resgate de memória,

Numa sociedade da roupa, pois, a roupa é tanto uma moeda quanto um meio de incorporação. A medida em que muda de mãos, ela prende as pessoas em redes de obrigações. O poder particular da roupa para efetivar essas redes está estreitamente associado a dois aspectos quase contraditórios de sua materialidade: sua capacidade para ser permeada e transformada tanto pelo fabricante quanto por quem a veste; e sua capacidade para durar no tempo. A roupa tende pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente. (p. 18-19)

Um fator de destaque nessas considerações é que a roupa funciona como um mecanismo de incorporação, através delas as pessoas assumem obrigações seguem normas e se enquadram em determinados grupos. Desta forma, ela também se destaca através da distinção. Um dos pontos abordados por este autor é a relação do valor material e imaterial das roupas, isso porque elas são legados, retratam memórias,

(...) as roupas tem uma vida própria; elas são presenças materiais e, ao mesmo tempo, servem de códigos para outras presenças materiais e imateriais. Na transferência de roupas, as identidades são transferidas de uma mãe para uma filha, de um aristocrata para um ator, de um mestre para um aprendiz. (STALLYBRASS, 2000, p. 39)

Nesse sentido, a existência material das roupas, sua conservação após a ausência de seu usuário, evidenciam seu valor imaterial. As lembranças que ela resgata e as características de quem a utilizou são evidenciadas no pedaço de pano que além de suas características primárias, ou mesmo após a elaboração de um modelo indumentário, absorveu as marcas pessoais de quem as utilizou. A classe social, a religião, os estilos vestimentares preferidos, a cor preferida, são aspectos possíveis de análise quando desejamos adentrar nos estudos sobre as roupas.

Por um estudo da vestimenta assembleiana

Roche (2000) em sua “História das coisas banais” acredita na necessidade de compreender melhor “nossa relação com as coisas, nossa mediação com os objetos e com o mundo” (p.11), na ocasião o autor faz nesta um estudo das transformações culturais e da civilização material. Reservando um espaço para evidenciar a importância do estudo da história indumentária, o autor realiza uma eficaz análise sobre vestuário e aparência entre os séculos XVII ao XIX, onde considera que uma das dificuldades em estudar a história das maneiras de vestir esta na relação das palavras com as coisas, é o que ele chama de “vocabulário do vestuário”. E continua salientando que “Com efeito é preciso distinguir a vestimenta, fato do indivíduo, que se apropria do que lhe é proposto pelo grupo, do traje ou da indumentária, elementos de um sistema formal e normativo consagrado pela sociedade” (p.257). Nesse sentido, ao falarmos da vestimenta estamos nos referindo ao um conjunto de vestes utilizadas para cobrir o corpo, ao contrário dos termos, indumentária e trajes, que possuem um peso normativo, oficial, que pode determinar características de uma determinada época, região, ou povo, e no caso de nossa pesquisa pode representar um grupo religioso em específico.

Numa outra obra denominada “Cultura das aparências”, dedicada exclusivamente aos estudos da indumentária entre os séculos XVII e XVIII, o mesmo autor faz uma afirmativa ainda mais específica. Segundo ele, um estudo histórico da vestimenta relaciona “dois níveis de realidade”, o do vestir, se referindo ao ato individual que se apropria das características do grupo, ou o traje/vestimenta abordado de um ponto de vista sociológico ou histórico através de um sistema formal, sancionado pela sociedade. (ROCHE, 2007, p.58). Percebemos, pois, que mesmo transferindo e destinando o termo “vestimenta” para a compreensão de algo estabelecido por normas, ao contrário da obra anteriormente citada, as duas distintas “classificações” ou mesmo “níveis de realidades” permanecem bem estabelecidas. Isso porque para Roche o indivíduo pode trazer em sua maneira de vestir aspectos determinados por escolhas pessoais, ou grupais, portanto, a sociedade da qual faz parte estabelecem sua maneira de trajar através de normas.

Tais reflexões se fazem pertinentes quando nos dispomos a estudar as “roupas” das mulheres assembleianas. Isso porque mesmo se tratando de conjunturas distantes no espaço e principalmente no tempo, concordamos com autores como Calanca (2008), Crane (2006), Freyre (1987) e o próprio Roche (2007), que destacam o ato de vestir como algo imbuído de escolhas individuais e ao mesmo tempo coletivas. As normas no trajar, da maneira apresentada por Roche podem ser pensadas através de uma atuação sutil, simbólica e disfarçada. Isso porque mesmo que os sistemas normativos exerçam um forte controle nos

indivíduos que podem compreender as imposições vestimentares, como a de uma sociedade religiosa, por exemplo, como algo essencial e inerente as características de um grupo. É, portanto nessa relação que pautamos nossa pesquisa, isso porque possuir uma identidade bem estabelecida atribui especificidade ao indivíduo justamente por identificar seu pertencimento a um determinado grupo familiar, religioso ou político. E no caso das vestes é uma das formas mais visíveis de expressar o pertencimento social. Por isso, para pensarmos de forma mais empírica a importância dos estudos indumentários não só para a história da cultura material ou para os estudos do cotidiano, mas principalmente para a compreensão da realidade, creditamos que conhecer um pouco mais da relação estabelecida entre as mulheres assembleianas de Milhã e suas práticas vestimentares é um bom começo.

A cidade de Milhã, localizada no Sertão Central Cearense e emancipada recentemente no ano de 1985, como grande parte das cidades do interior nordestino possui origens tradicionalmente católicas, teve seu povoamento, desenvolvimento e emancipação ligados à história da construção da primeira Capela e da atuação do primeiro Pároco como forte liderança religiosa e política na região. Em meados da década de 1960 o movimento pentecostal começou a ganhar expressão através dos cultos e evangelizações da Igreja Assembleia de Deus Templo Central. Pertencendo a congregação de Quixeramobim e mesmo sem um templo oficial as conversões se intensificavam, sendo mais frequentes entre as mulheres que após convertidas iam aos poucos convertendo toda a família.

Já na época a indumentária daquela que se convertia era diferenciada, as roupas não tinham atrativos estéticos, cobriam todo o corpo e possuíam cores sóbrias. Sinais de uma década onde o conservadorismo com relação à figura feminina era explícito, principalmente por se tratar do interior do sertão. Sinal ainda de um grupo religioso que almejava por manter a diferença entre suas fiéis, mulheres de “cristo”, que buscavam a “salvação e a libertação dos pecados da carne”. Para a Igreja, a mulher evangélica devia buscar a santidade, e o decoro com sua aparência eram sinais visíveis dessa busca. Não havia normas escritas sobre isso, mas essa “conduta ideal” era pregada através do que estava escrito na Bíblia.

Depois de muitos anos de debates a nível nacional, a Igreja Assembleia de Deus no Brasil, através da Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB), órgão máximo da instituição no país, estabelece os Usos e Costumes através da “Resolução de Santo André”. Tal resolução permaneceu vigente até o ano de 1999, onde em nova convenção a instituição realiza algumas modificações nos usos e costumes já existentes, esta ficou conhecida por Resolução ELAD, e definem os usos e costumes seguidos como doutrinas nas Assembleias de Deus de todo país até os dias atuais.

As proibições no tocante às mulheres se referem ao tamanho do corte de cabelo, ao uso de pinturas exageradas, ao uso de roupas decentes (saias e vestidos compridos) e principalmente ao não uso de roupas tidas como “masculinas”, como é o caso das calças compridas. Portanto a indumentária tipicamente assembleiana e que é cobrada na doutrina dos usos e costumes¹ da congregação, valoriza a utilização de signos femininos, como saias e vestidos, no entanto evidencia a necessidade de decoro nessas roupas. Portanto as saias e vestidos devem apresentar um comprimento decente, que para os atuais padrões da Igreja são um pouco abaixo do joelho. As mangas nas blusas e a ausência de decotes também são valorizadas como uma evidência das reais características assembleianas. As peças não devem ser extravagantes, prezando sempre pelo decoro e decência da aparência.

Desta feita, a indumentária das mulheres assembleianas se constitui num aspecto visível da identidade do grupo. A vestimenta simboliza, representa, e distingue estas mulheres das demais da cidade, inclusive daquelas que pertencem a outras denominações protestantes. Isso porque a vestimenta dessas fiéis carrega pode ser considerada uma espécie de uniforme, que caracteriza seus grupos, seus valores e principalmente sua conduta. Ao ser entrevistado o pastor da Igreja, principal liderança da instituição faz um paralelo entre as vestes do “crente” e às vestes dos militares, segundo ele a maneira de trajar desses últimos distingue inclusive aqueles que pertencem aos vários segmentos do exército. Nesse sentido, segundo o pastor, o fiel assembleiano, principalmente as mulheres devem ser pessoas diferenciadas na conduta e na aparência utilizando o uniforme cristão.

Partindo de seus estudos sobre história da indumentária Roche (2007), considera que “o uniforme merece, pois, a nossa atenção, uma vez que está no cerne do encontro entre as aparências e a disciplina social” (p.228). O uniforme é, portanto, um mecanismo que confunde inteiramente a pessoa com a “personagem social”, assim pode-se inferir por tudo que já foi exposto anteriormente, que a roupa da mulher assembleiana carrega o peso de um uniforme, que serve para identificar o grupo do qual ela faz parte, mas que também é tido como uma maneira de controlar o corpo. Para Roche (2007), “não há nada menos uniforme do que o uniforme, que reflete tanto o desejo de distinção quanto o de consenso” (p. 245). É, pois, uma forma de “regulamentação coletiva”. Assim, o autor continua afirmando a importância dos uniformes, peças indumentárias nascidas no século XVII, já que estes proporcionam a ideia de unidade, coerência, submissão às normas, sendo ainda uma prova

¹ A Igreja Assembleia de Deus estabelece uma série de normas comportamentais para seus membros, que são conhecidas como “usos e costumes”. Assim destacamos as prerrogativas de Mariano (1999), ao salientar que usos e costumes “é a expressão utilizada pelos pentecostais para se referir ao rigorismo legalista, às restrições ao vestuário, uso de bijuterias, produtos de beleza, corte de cabelo e a diversos tabus comportamentais existentes em seu meio religioso” (p. 187).

de disciplina. Segundo o autor, o uniforme, “É um instrumento num processo que visa moldar o físico e a postura de um indivíduo combativo, cuja autonomia condiciona a docilidade e cuja obediência transforma a força individual em poder coletivo” (p. 234).

Nesse sentido, o padrão indumentário do grupo, ou seja, o comprimento das saias, o uso das mangas, a ausência de decotes são os aspectos mais característicos do uniforme da mulher assembleiana. Contudo, este uniforme carrega aspectos individuais, podendo ser transformados de acordo com o estilo de vestir de cada mulher. Algumas inovam nas estampas, outras nos formatos das saias, ou mangas, e até mesmo no uso de acessórios, que mesmo discretamente atribuem uma especificidade na aparência de cada fiel. Consideramos que tais posicionamentos vão contra ao que a igreja prega sobre a necessidade das mulheres estarem sempre vestidas da mesma maneira, sem traços da moda ou da própria personalidade que possam evidenciar grades distinções entre as demais. Para a Igreja o coletivo deve sempre prevalecer, ou seja, estar acima das aspirações particulares. Um exemplo disso pode ser observado na fotografia a seguir, registrada pela própria Igreja e divulgada nas redes sociais a fim de disseminar a imagem que eles desejam apresentar das mulheres assembleianas.

Figura 01- Encontro de Senhoras da Assembléia de Deus de Milhã-2012.



FONTE: Facebook da Igreja Assembleia de Deus de Milhã.

Esta fotografia foi registrada no Encontro de Senhoras do ano de 2012 na Assembleia de Deus de Milhã. Um encontro realizado anualmente e que conta com a participação direta das mulheres casadas da Igreja. No evento o grupo de louvor das senhoras participa cantando os hinos escolhidos para a ocasião. E as pregações do pastor e convidados são direcionadas ao papel da mulher na família, na Igreja e na comunidade.

O encontro de 2012 teve uma característica marcante em relação aos demais, isso porque o “uniforme da mulher assembleiana” estava concretamente estabelecido. Como

podemos perceber na fotografia as roupas exatamente iguais evidenciavam a participação dessas senhoras num determinado grupo. Além dos aspectos típicos da indumentária do grupo, como mangas e saias compridas, a cor das roupas, num tom de rosa, uma cor tida como feminina, dócil, fraterna além da sobriedade proporcionada pela padronização dos sapatos pretos, pela postura corporal das mulheres que estão organizadas numa espécie de hierarquia, onde na primeira fila estão sentadas as mais velhas da Igreja, nos evidencia a importância das representações proporcionadas pelo trajar e pelo comportamento das fiéis.

Roche (2007) fala da importância e das transformações proporcionadas pelo surgimento do Uniforme na sociedade Francesa do século XVII e XVIII. Contudo, estamos nos apropriando das considerações gerais a respeito do simbolismo presente nos uniformes para pensar o caso assembleiano, já que para essas mulheres seguir as normas vestimentares impostas pelo grupo, assim como os próprios militares, requer disciplina. É, portanto, um simbolismo distintivo.

Considerações Finais

Consideramos, portanto, que diante dos vários caminhos percorridos pelas análises dos estudos que direcionam os olhares para a cultura material, a indumentária é um importante aspecto da área, que visa compreender o cotidiano e a relação entre os objetos e as pessoas a partir de seus trajes, percebendo sempre os jogos existentes entre traços particulares e coletivos.

Nesse sentido, acreditamos que analisar a indumentária das mulheres assembleianas numa ótica da perspectiva material nos encaminha a inúmeras possibilidades. Onde podemos nos perguntar como o crescimento cada vez mais emergente de um mercado da moda evangélica tem influenciado as relações das mulheres com seus trajes e com as imposições vestimentares do grupo? Podemos olhar ainda de outro prisma, ou seja, como a inserção das mulheres evangélicas nas práticas de vaidades e nas lentes do mercado da moda em geral tem aumentado a demanda e exigido que o próprio mercado realize uma adaptação a especificidade dessas mulheres e a partir do que é exigido pela doutrina religiosa? Em se tratando de Milhã é possível pensarmos ainda em como a conversão à religião protestante tem influenciado para que uma pequena cidade, de traços rurais e com um comércio pouco desenvolvido tente se adaptar as exigências de uma clientela diferente, exigente e que emerge com maior vigor a cada dia como as mulheres evangélicas. Essas são questões que não iremos responder neste breve colóquio. No entanto, optamos por mencioná-las no intuito de

demonstrar que os estudos a partir da cultura material nos abre um leque de possibilidades quando se trata da análise de códigos indumentários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rita. **Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos.** Anais, Colóquio de Moda, 2006. Disponível em: http://coloquiomoda.com.br/anais/anais/2-Coloquio-de-Moda_2006/artigos/100.pdf. Acesso em 14/03/2013.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material: economia e capitalismo séculos XVII-XVIII.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda.** São Paulo: Editora SENAC, 2008.

CRANE, Diana. **A Moda e seu papel social: Classe, Gênero e identidade das roupas.** Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Modos de Homem & Modas de Mulher.** Rio de Janeiro: Record, 1987

GLASSIE, H. **Material Culture.** Indianopolis: Indiana University Press, 1999.

LE GOFF, Jacques. A Cultura Material. In: **A Nova História.** Editora: Martins Fontes, 2006.

ROCHE, Daniel. **A Cultura das Aparências: Uma história da Indumentária (séculos XVII-XVIII).** Tradução: Assef Kfourri. São Paulo: Editora Senac, 2007.

ROCHE, Daniel. Vestuário e Aparência. In: **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX.** Tradução: Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupas, memória, dor. In: **O Casaco de Marx: Roupas, memória e dor.** Belo Horizonte: Editora Autentica, 2000.

THOMAS, Julian. **Materialities.** In: Archaeology and Modernity. London: Routledge, 2003. Pp. 202-222.